



ARTIGO

NO *FLOW* DA CORAGEM, FALAR A VERDADE COMO SE MANDA UM *RAP*: A PRÁTICA DA PARRESÍA NO DISCURSO DA *RAPPER* AZEALIA BANKS

IN THE *FLOW* OF COURAGE, SPEAKING THE TRUTH LIKE SENDING A *RAP*: THE PRACTICE OF PARRHESIA IN THE *RAPPER* AZEALIA BANKS' SPEECH.

Marcelino Gomes dos Santosⁱ

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Resumo: Este artigo trata da análise da produção discursiva da rapper estadunidense Azealia Banks na internet, em especial, de suas declarações midiáticas sobre outras pessoas públicas, notadamente, celebridades. Buscamos, neste caminho, problematizar a sua presença enquanto sujeito enunciador nas redes sociais, especialmente, suas afirmações sobre outras celebridades contemporâneas, com atenção especial às marcas de parrhesía nos dizeres que a cantora mobiliza sobre outros sujeitos e a eles os endereça, colocando em jogo suas visões de mundo e opiniões, frequentemente noticiadas pela mídia internacional como sendo declarações polêmicas; quando, na verdade, trata-se de uma categoria específica de discursos, nomeadamente, discursos de ódio. Para tanto, selecionamos seis matérias jornalísticas de portais de notícias brasileiros e analisamos os enunciados produzidos e veiculados na mídia a partir das declarações da referida artista, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Francesa e dos estudos de Michel Foucault (1992; 1996; 2011) sobre os discursos, a coragem da verdade, a parrhesía e o sujeito parrhesiasta. Os resultados apontam para o fato de que os dizeres de Banks produzem, no nível discursivo, um lugar de sujeito que se coloca em posição supremacista e que se configuram como sendo discursos de ódio. Logo, observamos que sua produção discursiva a aproxima de um sujeito parrhesiasta, ainda que suas opiniões expressem séries de preconceitos de toda ordem e que devam ser combatidos.

Palavras-chave: Discurso. Verdade. Parrhesía. Foucault.

Abstract: This article deals with the analysis of the discursive production of the American rapper Azealia Banks on the internet, in particular, her media statements about other public people, notably celebrities. We seek, in this way, to problematize her presence as an enunciator subject in social networks, especially her enunciations about other contemporary celebrities, with special attention to the marks of parrhesia in the words that the singer mobilizes and address to other subjects, putting into play their world views and opinions, often reported by the international media as controversial statements; when, in fact, they are a specific category of speeches, namely, hate speech. To do so, we selected six journalistic articles from Brazilian news portals and analyzed the statements produced and broadcast in the media from the statements of the aforementioned artist, based on the theoretical-methodological assumptions of French Discourse Analysis and Michel Foucault's studies (1992; 1996; 2011) on discourses, the courage of truth, parrhesia and the parrhesiast subject. The results point to the fact that Banks' sayings produce, at the discursive level, a place of subject who places himself in a supremacist position and which are configured as hate speeches. Therefore, we observe that her discursive production brings her closer to a parrhesiast subject, even though her opinions express a series of prejudices of all kinds that must be fought.

Keywords: Discourse. Truth. Parrhesia. Foucault.

Introdução

Na contemporaneidade, é cada vez mais comum podermos acompanhar, diariamente, artistas de vários países por meio de suas redes sociais. Nessas plataformas, das quais são exemplos o Instagram, o Twitter e o Facebook, esses sujeitos podem criar seus perfis públicos e interagir com seus seguidores por meio de postagens, legendas, comentários, *stories*, *reels*, entre outras possibilidades, tornando públicos vários conteúdos sobre suas vidas cotidianas. Essas produções podem versar sobre os mais variados temas, tais como produções artístico-culturais, como também postagens sobre seu dia a dia, suas opiniões e visões de mundo sobre questões muito plurais, que vão desde acontecimentos de ordem pessoal, como aqueles de conhecimento e visibilidade internacional.

Em um cenário de lutas (ideológicas, políticas, sociais, identitárias, entre outras), onde séries de acontecimentos históricos são colocados em rápida circulação na internet, muitos artistas e pessoas públicas, no geral, usam as suas plataformas para se posicionar sobre questões sociais, sobre acontecimentos de grande visibilidade midiática, entre outras questões sobre as quais desejem se posicionar.

Essa produção discursiva, além de gerar imagens sobre esses sujeitos enunciadore, muitas vezes são direcionadas a outros sujeitos, que passam a ocupar o lugar de interlocutores, o que possibilita a recepção positiva ou negativa desses discursos e comentários pelo outro, isto é, pelas pessoas às quais esses discursos se dirigem. Como exemplo, podemos citar a produção discursivo-midiática de artistas como a cantora Lady Gaga sobre o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (ESTADÃO, 2021, *online*), em que a artista manifestou, em muitos momentos, e publicamente, a sua opinião contrária à política de Trump quando ele ocupava o cargo de presidente dos EUA, que, por sua vez, rebateu o comentário de Gaga com dizeres desagradáveis sobre a referida cantora (VOGUE, 2021, *online*).

Nesse caminho, no sentido de realizar uma leitura discursiva sobre os dizeres de celebridades na contemporaneidade, temos o caso específico de Azealia Banks como uma possibilidade de refletirmos sobre a questão do discurso e da verdade, especialmente, sobre um discurso-objeto específico – o discurso de ódio – e uma modalidade de dizer a “verdade” muito particular – a parresía, da qual nos fala Foucault (2011).

A cantora e rapper estadunidense Azealia Banks é uma personalidade muito conhecida na cena da música *pop* dos Estados Unidos, e no mundo. Nascida em *New York*,

no Harlem, a rapper já lançou álbuns de estúdio, *singles*, *mixtapes*; foi indicada em premiações e recebeu alguns prêmios da indústria da música, o que, entre outras questões, demonstra que a referida cantora tem talento tanto em termos de composição, como de produção e lançamento de obras audiovisuais; no caso, de músicas e videoclipes que contribuíram para criar sua marca sonora, estética e visual na indústria da música *pop* internacional.

No entanto, embora tenha seu álbum *Broke With Expensive Taste* citado em muitos portais de crítica musical como sendo um dos melhores álbuns de *rap* já lançados da história, boa parte do reconhecimento que a artista tem do público consumidor de música *pop* não se deve apenas ao fato de que a artista tem talento e produz músicas extremamente comerciais e que garantem a ela bons números de reprodução nas plataformas de *streaming*, como o Spotify.

Se fizermos uma rápida pesquisa sobre seu nome na internet, em mecanismos de busca como o *Google*, encontraremos uma série de notícias sobre sua presença nas redes sociais, como o Twitter e o Instagram. Boa parte dessas notícias tratam das várias polêmicas em que a rapper se envolveu nos últimos anos, discussões públicas que Banks teria travado com outras personalidades famosas e celebridades, fazendo muitas declarações sobre temas diversos, expondo suas opiniões sobre outros sujeitos na internet e sendo, inclusive, banida de algumas plataformas e redes sociais por causa de sua produção discursiva, isto é, por enunciar suas perspectivas e endereçá-las a outras celebridades.

Assim, o objetivo do presente artigo é o de analisar os discursos da rapper estadunidense Azealia Banks na internet, identificando marcas de parresía na sua produção discursiva sobre outras pessoas públicas, compreendendo como os discursos produzidos pela cantora produzem sentidos sobre o outro e constroem, no nível do discurso, um lugar específico a ser ocupado por esse sujeito que enuncia e espalha ódio na *web*. Partimos da compreensão de que a cantora apresenta em seu discurso marcas que a aproximam da figura do parresiasta, da qual nos fala Foucault (2011), em *A Coragem da Verdade*, e seus discursos de ódio geram séries de consequências negativas para o outro e para si mesma.

Metodologicamente, realizamos uma pesquisa exploratória na internet a partir do nome da referida artista, e selecionamos 6 (seis) matérias publicadas em portais de notícias brasileiros – tais como *PopLine*, *G1* e *PureBreak* – sobre suas declarações públicas. A partir disso, realizamos uma leitura discursiva dos enunciados produzidos por Banks em suas redes

sociais sobre outras pessoas famosas, no intuito de apontar para as marcas de parresía em seu dizer, concebendo a parresía não como um sinônimo de discurso de ódio, mas sim como um efeito dos discursos produzidos pela rapper estadunidense. Salientamos que as matérias jornalísticas foram selecionadas nos referidos portais e algumas apresentavam autoria explícita, enquanto outras não mencionavam os autores das notícias.

Na primeira parte do texto, fazemos uma discussão prévia sobre o conceito de parresía a partir dos estudos de Foucault (2011), especialmente nas reflexões publicadas na obra *A Coragem da Verdade*, mostrando as características do dizer parresiasta e os aspectos que o diferencia de outras modalidades de se dizer a verdade, conforme nos permite pensar o filósofo francês. Em outro momento do artigo, analisamos a produção discursiva da rapper Azealia Banks, com ênfase no exame das marcas de parresía em seu discurso, bem como no cruzamento dessa análise com as reflexões de Foucault sobre os discursos, a coragem da verdade, o franco falar e a postura discursiva do sujeito parresiasta.

1 Algumas considerações sobre a Análise de Discurso Francesa e a parresía (ou o franco falar) em Michel Foucault

Os pressupostos teórico-metodológicos de Michel Foucault sobre os discursos, os sujeitos, os saberes, bem como sobre a questão da verdade, nos permitem refletir e fazer um diagnóstico do presente. Seu pensamento filosófico possibilita pensarmos os discursos que são produzidos a partir de diversos sujeitos, que mobilizam enunciados e põem em circulação séries de opiniões com pretensão caráter de “verdade” sobre os mais diversos assuntos. Dentre os assuntos possíveis, destacamos os discursos sobre acontecimentos históricos, tragédias, discussões políticas, econômicas, éticas, estéticas, até mesmo sobre questões referentes a outros sujeitos cotidianos, como artistas, apresentadores de programas e celebridades, como sendo assuntos recorrentes nas redes sociais.

Na obra foucaultiana *A Coragem da Verdade*, publicada pela primeira vez em 1984, são reunidas reflexões do filósofo francês proferidas à ocasião de realização de seminários ministrados no Collège de France em 1983 e 1984, obra na qual o autor discorre, entre outras questões, sobre a verdade, bem como sobre as diferentes modalidades de se “dizer a verdade”.

Nesta obra, o filósofo expõe sobre a noção de parresía, modalidade de se dizer a

verdade que nos interessa, particularmente, no que tange às reflexões empreendidas neste artigo. De acordo com Foucault (2011), a parresía seria “a coragem da verdade daquele que fala e corre o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que ele pensa” (FOUCAULT, 2011, p. 14). Logo, a parresía, como uma modalidade de se dizer a verdade, seria caracterizada, entre outros aspectos, pelo risco de se dizer tudo aquilo que o sujeito pensa, podendo, inclusive, ferir e gerar no outro reações que poderiam, até mesmo, ser extremamente violentas. Sobre este aspecto, Foucault (2011, p. 12) nos diz que:

O sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja parresía é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É, portanto, a verdade no risco da violência.

Neste momento do pensamento foucaultiano, o filósofo objetiva caracterizar a parresía e o sujeito parresiasta, marcando, também, aspectos que diferenciam a parresía de outras modalidades de se dizer a verdade; e o parresiasta de outras figuras que também atuam no sentido de dizer a verdade. Para tanto, o autor remete à produção da verdade em outros momentos históricos, como na Antiguidade, citando as figuras do sábio, do profeta e do professor para estabelecer aproximações e distanciamentos entre esses sujeitos e a figura do parresiasta.

Na aula ministrada em 1º de fevereiro de 1984, Foucault (2011) expõe uma série de reflexões sobre o “dizer a verdade” e, no caminho desta discussão, nos fala sobre a noção de parresía. Nas primeiras páginas desse texto, o filósofo salienta que, ao estudar a parresía e ao analisar a chamada “fala franca” como uma modalidade particular de se dizer a verdade, o seu interesse naquele momento era o de:

Analisar, em suas condições e em suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade. Não se trataria, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, [qual é] a forma do sujeito que diz a verdade. A análise desse domínio

poderia ser chamada, em oposição às estruturas epistemológicas, o estudo nas formas “aletúrgicas”. Emprego aqui a palavra que comentei com vocês ano passado ou dois anos atrás. A aleturgia seria, etimologicamente, a produção da verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta. Logo, deixemos de lado as análises do tipo “estrutura epistemológica” e analisemos um pouco as “formas aletúrgicas”. É nesse marco que estudo a noção e a prática da parresía (FOUCAULT, 2011, p. 04-05, aspas do autor).

Nesse momento, o autor declara seu interesse em expor para seu público suas reflexões sobre a parresía. Logo, Foucault (2011) elabora uma extensa descrição de aspectos que particularizam a parresía como uma modalidade específica de se dizer a verdade, destacando características que a diferenciam de outras formas de se dizer a verdade, como a verdade da sabedoria, a verdade da profecia e a verdade dos “técnicos”, dos quais seria exemplo o professor. Nesse sentido, Foucault nos diz que a palavra parresía pode ser empregada com dois valores semânticos: um positivo e outro pejorativo. De acordo com o filósofo francês, no sentido pejorativo, “a *parresía* consiste em dizer tudo, no sentido de que se diz qualquer coisa (qualquer coisa que passe pela cabeça, qualquer coisa que possa servir à paixão ou ao interesse que anima quem fala) (FOUCAULT, 2011, p. 10-11).

Mas a parresía, no sentido positivo da palavra, consistiria, segundo Foucault (2011), em falar, enunciar a verdade, sem dissimulação nem reserva, isto é, sem ornamento e sem os recursos da retórica da bajulação, sem qualquer estilo que possa cifrá-la, vesti-la ou mascará-la. Nas palavras foucaultianas, dizer tudo “é nesse momento dizer a verdade sem dela nada esconder, sem escondê-la com o que quer que seja” (Ibidem, 2011, p. 11). Porém, essas características não seriam suficientes para caracterizar a parresía, uma vez que:

Para que se possa falar de *parresía* no sentido positivo do termo - deixemos de lado agora os valores negativos -, são necessárias, além da regra do dizer tudo e da regra da verdade, duas condições complementares. É preciso não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa, [e não] da boca pra fora – e é nisso que será um parresiasta (FOUCAULT, 2011, p. 11).

Assim sendo, para além de dizer a verdade, o sujeito parresiasta está intimamente ligado àquilo que diz, uma vez que assume essa verdade como sendo sua opinião, e não algo que se diz apenas sem mira, da “boca pra fora”, sem comprometimento com aquilo que se

diz. A enunciação se dá ainda que se corra certos riscos, como o risco de ferir ao outro ou ainda receber algum tipo de resposta violenta em função da verdade que enuncia.

Logo, podemos concluir que “o parresista dá sua opinião, diz o que pensa, ele próprio de certo modo assina embaixo da verdade que enuncia, liga-se a essa verdade, e se obriga, por conseguinte, a ela e por ela” (FOUCAULT, 2011, p. 11-12), sendo essas algumas características que particularizam a parresía como uma modalidade de se dizer a verdade em meio a outras modalidades existentes e possíveis.

Importante se faz mencionar que a parresía e o discurso de ódio não são noções sinônimas. Consideramos a parresía como sendo um efeito dos discursos da artista estadunidense, uma vez que, ao enunciar sobre outros artistas, de forma direta, arriscando a sua relação com outros artistas da indústria da música, assume a posição de um sujeito parresista. Nesse caso, os enunciados de Banks sobre outros artistas podem ser considerados evidentes exemplos de discurso de ódio, pois não se trata apenas de opiniões, de uma fala franca que diz aquilo que pensa sobre o outro, mas sim de dizeres que fazem incidir efeitos de negatividade e de forma diretamente agressiva sobre o outro.

A seguir, analisamos a produção discursiva da rapper Azealia Banks, no intuito de apresentar as marcas de parresía em seu discurso, bem como a aproximação entre a sua postura de dizer a “verdade”, de expor seu dizer, e a figura do parresista, da qual nos fala Michel Foucault (2011). Além disso, problematizamos o seu dizer não meramente como exposição de opiniões públicas na internet, mas como sendo um exemplo notório de produção de discursos de ódio na contemporaneidade – que devem ser encarados de forma crítica e combatidos, sobremaneira.

2 “Bang, pop, pop, this thing go pow”: a coragem da verdade no discurso da rapper Azealia Banks

A presença da rapper Azealia Banks nos portais de notícias de todo o mundo é recorrente, tanto pelas músicas e videoclipes que tem lançado nos últimos anos na cena pop mundial, como pelas inúmeras “tretas” e “brigas” (para usarmos termos comuns na internet, especialmente, em matérias sobre a artista). Devido ao seu envolvimento em polêmicas com outros artistas, celebridades, pessoas públicas, foram muitas as matérias jornalísticas produzidas no que se refere a sua presença nas mídias sociais, sobretudo, àquelas que tratam

de outras pessoas públicas e internacionalmente conhecidas, como as cantoras Lana Del Rey, Rihanna, Nicki Minaj, Anitta, o cantor Zayn Malik, entre outros; como também discursos em relação a outros países e povos do mundo, como o Brasil e os brasileiros.

Imagem 1 – Azealia Banks, rapper estadunidense.



Fonte: Hastag Pop, 2020

Ao publicar suas afirmações na internet nos últimos anos, por meio de suas redes sociais, a cantora produziu uma série incontável de enunciados que, rapidamente, foram compartilhados em inúmeros portais de notícias e veiculados em diversas mídias (como nas rádios e na TV), produção discursiva que nos permitem gestos de análise no sentido de examinar como a sua “verdade” é produzida discursivamente, como as suas opiniões são enunciadas, colocadas em circulação, como a rapper ocupa a postura de um parresista e onde estão presentes as marcas de parresía em seu discurso; a sua presença enquanto sujeito enunciativo nos permite, inclusive, examinar os sentidos e os lugares de sujeito produzidos por seus discursos na internet, sendo a Análise de Discurso Francesa uma possibilidade teórico-metodológica de se proceder com o exame das enunciações de celebridades, como Banks, no presente.

A Análise do Discurso, conforme nos explica Orlandi (2007, p. 15):

Não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Logo, analisar os discursos é examinar os sujeitos falando, colocando palavras em movimento, mobilizando enunciados e produzindo sentidos, tendo em vista que seria o discurso efeitos de sentido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1988), e que nesse jogo temos relações de força e de poder, embates, lutas, ataques, resistências, como tentaremos mostrar nas análises a seguir.

Em matéria publicada no portal de notícias *POPline* em 26 de setembro de 2020, intitulada “Azealia Banks volta a criticar Anitta e fãs brasileiros por ofuscarem artistas negras”, assinada por Douglas França, encontramos enunciados que teriam sido proferidos pela artista em suas redes sociais, notadamente, no Twitter:

Azealia Banks atacou Anitta em um vídeo postado na Internet, comentando o lançamento de “Me Gusta”, novo single da brasileira. A rapper americana, conhecida por criticar todo mundo, disparou: “Essa música nova da Anitta é muito ruim, desculpe-me. Eu não gosto. Anitta é um lixo. Ela é absolutamente um lixo. Eu gosto da Ludmilla”. Não parou por aí. No vídeo, em que Azealia parece conversar com alguém, ela também compara Anitta com outras cantoras latinas. “Ela não é JLo, ela não é Shakira, ela não é Rosalía”, disse. Azealia Banks voltou a falar de artistas brasileiros em sua conta no Twitter. Na mesma semana em que criticou “Me Gusta”, lançamento de Anitta com Cardi B e Myke Towers, a cantora decidiu compartilhar a sua opinião em relação a exportação de cantoras negras brasileiras para o mercado fonográfico internacional. Banks explicou que os fãs de cantoras brancas ofuscam as talentosas estrelas negras que temos no país: “Me sinto mal que os sentimentos dos brasileiros estejam tão bravos, mas eu disse e está dito. Vocês defendem suas estrelas brancas e ofuscam as talentosas estrelas negras e é por isso que vocês erram. A classe branca brasileira não é tão luxuosa quanto os brancos do resto do mundo, vocês precisam mudar a marca” – em sua conta fechada na rede social. Mais tarde, a cantora voltou a criticar Anitta e enaltecer Ludmilla: “Me Gusta” é uma porra de lixo como qualquer outra tentativa de música pop americana que vem do Brasil. Por favor, reconheçam a Ludmilla como a rainha e mantenha a estética degradada da Anitta e a plástica que ela fez no nariz estilo Latoya Jackson na favela a que ela pertence. LUDMILLA É A ÚNICA” – escreveu (FRANÇOZA, 2020, *online*, aspas nossas).

Em sua produção discursiva no Twitter, especialmente, nessa postagem em que a artista faz alusão ao lançamento da música “Me Gusta”, parceria da cantora Anitta com a rapper Cardi B, Azealia Banks expõe a sua opinião sobre a referida música, declarando publicamente aquilo que pensa sobre a canção, considerada pela artista como sendo “muito ruim”, bem como sua visão sobre a cantora brasileira Anitta que, segundo Banks, seria “um lixo”. Em seu discurso, Banks compara Anitta a outras artistas, como Shakira, Rosalía e

Ludmilla, em um tom pejorativo, situando-a em um nível abaixo, em termos de relevância artística.

O resultado dessas declarações da artista sobre “Me Gusta” gerou uma série de consequências na internet, uma vez que fãs de Anitta e Cardi B, especialmente, fãs brasileiros, endereçaram inúmeras postagens de repúdio à Azealia Banks por suas declarações no Twitter, declarações essas que configuram, expressamente, como sendo discursos de ódio, desrespeito, preconceito e discriminação por parte da artista.

Esta não é a primeira vez em que a rapper estadunidense Azealia Banks endereça discursos de ódio ao Brasil ou aos brasileiros. Em matéria publicada no portal de notícias G1, intitulada “Azealia Banks tem conta no Twitter suspensa após briga com brasileiros”, no dia 03 de janeiro de 2017, são apresentadas informações sobre uma série de discursos que teriam sido enunciados pela artista sobre o Brasil, em que é dito:

Azealia Banks teve sua conta no Twitter suspensa após arrumar briga com os brasileiros. A rapper americana havia se tornado alvo de uma enxurrada de críticas na internet depois de ofender os fãs do país em uma publicação no Facebook. Em texto publicado na madrugada desta segunda-feira (1º) e excluído em seguida, a cantora dizia ter recebido mensagens racistas e spams enviados por brasileiros, a quem chamou de “anormais do terceiro mundo que fazem spam com esse inglês errado”. Nos comentários, muitos seguidores condenaram a postura da artista. O Twitter informa que pode suspender contas que “violam as regras” da rede social. Enquadram-se nesse caso contas com spams ou falsas, contas invadidas e contas com posts ou comportamento abusivo (clique aqui para ler o regulamento detalhado). Em um dos posts no Facebook que originaram a polêmica nesta segunda, Azealia Banks escreveu: “Quando esses anormais do terceiro mundo vão parar de fazer spam com esse inglês errado falando sobre algo que não sabem? É hilário ser chamada de vadia negra por brasileiros brancos. Eles deveriam se preocupar com a economia primeiro”, escreveu. Após ter sido criticada por muitos seguidores do Brasil, ela chegou a responder: “Não sabia que tinha internet na favela”. O assunto se tornou o mais comentado da manhã desta segunda no Twitter do Brasil, onde usuários iniciaram uma campanha para que as páginas da rapper fossem denunciadas. No Facebook, no entanto, a rapper continuou publicando posts irônicos e ofensivos sobre os brasileiros e o idioma do país. Também comemorou sua “capacidade de produzir notícias internacionais no conforto de seu vaso sanitário”. Em suma das publicações, Azealia afirmou em resposta a um dos seguidores brasileiros que o país tem o maior número de pessoas que publicam insultos racistas em sua página. “Não ligo de qual país você é. Racismo é racismo. E um monte de meninos brancos de um país com as piores políticas para negros não vão vir aqui me xingar quando não sabem sequer falar a língua com a qual tentam me insultar”. Protagonista de muitos barracos na internet – em maio de 2016, ela teve a conta no Twitter suspensa após ataques a Zayn Malik, ex-integrante do OneDirection –, Azealia Banks veio ao Brasil em junho, para apresentação

em São Paulo (G1, 2017, *online*, aspas nossas).

Após, supostamente, ter recebido mensagens de brasileiros em suas redes sociais com mensagens de cunho racista, Azealia Banks publicou enunciados sobre o Brasil e o povo brasileiro, sendo essa uma das declarações “polêmicas” mais conhecidas, repercutidas e referenciadas em portais de notícias nos últimos anos sobre a artista, *sites* dos quais é exemplo o portal G1. Em suas declarações, a rapper expôs sua opinião sobre o inglês falado pelos referidos brasileiros, considerado pela artista “errado”, além de ter expressado que “não sabia que tinha internet na favela”, tratando-os como “anormais do terceiro mundo” e ironizando a situação econômica do Brasil.

No viés desses discursos, apontamos para o fato de que a cantora reacentua o seu caráter de sujeito parresiaista com recurso a um discurso supremacista, que configura um lugar de sujeito que se coloca em um plano superior, que julga os outros, proferindo discursos discriminatórios e de preconceito linguístico. Sua produção discursiva não possui, inclusive, caráter combativo em relação ao racismo e ao preconceito de toda ordem, na medida em que ela mesma é uma artista negra e tem atitudes discriminatórias contra pessoas negras. Além disso, temos o fato de que a rapper produz músicas em um gênero que, historicamente, foi muito discriminado nos Estados Unidos e no mundo – o que é indicativo de que, no nível do discurso, a artista ocupa um lugar de um sujeito que profere discursos que incidem negativamente sobre o outro e sobre sua própria existência.

Sobre este aspecto, é interessante notar que, no terreno da discursividade, os enunciados de Banks produzem um lugar de sujeito específico, que se coloca em uma posição superior aos outros, que se enxerga ocupando um lugar hierarquicamente superior ao lugar daqueles aos quais se endereçam os seus discursos, uma vez que, na ordem do discurso, “o sujeito busca, ou é levado a pertencer a lugares, a portos que lhe asseguram a existência” (FERNANDES, 2012, p. 81).

Neste caso, podemos refletir sobre a noção de autor, da qual nos fala Foucault (1992, p. 45-46), ao nos dizer que “o nome do autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu”. Em outro momento de sua obra, Foucault (1996, p. 26) acrescenta que o autor seria diferente do indivíduo que escreveu o texto, sendo um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações”. O autor não seria a pessoa que, neste caso, faz uso das redes sociais para publicar discursos de ódio, notadamente, a própria artista Azealia Banks. Para Foucault

(1996, p. 28), “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”. Logo, o autor seria um princípio de possibilidade do discurso da rapper, seria um sujeito supremacista que destila ódio nas redes sociais, lugar esse que poderia ser ocupado por outros sujeitos, a exemplo de Banks.

A produção discursiva da rapper Azealia Banks sobre o Brasil e os brasileiros provocou uma série de consequências, dentre elas, uma briga histórica que se formou entre os brasileiros e a artista, que passaram a chamá-la de “sandália” nas redes sociais, em alusão à marca brasileira de sandálias Azaleia. Essa discussão ocupou os primeiros lugares dos *trending topics* do Twitter em 2017 por causa da polêmica envolvendo a rapper estadunidense e os brasileiros (ÉPOCA, 2017, *online*). Neste caso, o franco falar (FOUCAULT, 2011) de Azealia Banks, isto é, a sua coragem de expor suas opiniões na internet e endereçá-las a outros sujeitos, pôs em risco a sua aceitação pelo público consumidor de música *pop* brasileiro, o que aponta para marcas de *parresía* em seu discurso, uma vez que, de acordo com Foucault (2011, p. 13):

A parresía, portanto, põe em risco não apenas a relação estabelecida entre quem fala e aquele a quem é dirigida a verdade, mas, no limite, põe em risco a própria existência daquele que fala, se em todo caso seu interlocutor tem um poder sobre aquele que fala e se não pode suportar a verdade que este lhe diz.

Após as referidas declarações públicas sobre o Brasil, boa parte dos seus fãs brasileiros passaram a rejeitar os trabalhos de Banks e sua própria imagem como artista, colocando em risco a sua relação com o público brasileiro, bem como com outros públicos. Sobre este aspecto, Foucault nos diz que:

A parresía [...] implica um vínculo forte e constituinte entre aquele que fala e o que ele diz, e abre, pelo próprio efeito da verdade, pelo efeito de ofensas da verdade, a possibilidade de uma ruptura de vínculo entre aquele que fala e aquele a quem este se dirige (FOUCAULT, 2011, p. 14).

Interessante notarmos que a tensão estabelecida pelos discursos da rapper e sua relação com os brasileiros implica uma resposta combativa do Brasil em relação ao seu franco falar. A relação de poder que é arriscada entre a artista e os seguidores é o que denomina, atualmente, de cancelamento; o que, de certa forma, ela sofreu de parte dos

brasileiros usuários da internet. Isso é indicativo de que, no presente, os usuários de redes sociais estão exercendo esse poder de não dar mais espaço para quem fala aquilo que lhes fere, gerando séries de respostas, réplicas, contragolpes no nível do discurso.

Essas respostas, muitas vezes, geram outros discursos de ódio, como é o caso do brasileiro que respondeu às declarações de Banks chamando-a de “vadia negra”, o que configura uma resposta racista e que não contribui em nada para o combate aos discursos de ódio na internet. Pelo contrário, acentua, legitima e dá continuidade à produção discursiva de teor racista. Sobre este aspecto, Fernandes (2012, p. 57) nos diz que:

O poder coloca em jogo relações entre sujeitos. O poder é um exercício, um modo de ação de alguns sobre outros, existe somente em forma de ação, uma ação sobre sua própria ação, ação sobre ações, uma maneira de agir sobre a ação dos outros para conduzir condutas.

No caso em análise, observamos que os dizeres de Banks incidem sobre a existência de outras pessoas que, por sua vez, também agem no sentido de responder aos ataques sofridos e combatê-los na internet, o que reafirma que o poder não se concentra em um sujeito apenas, mas trata-se de um exercício, de relações entre sujeitos, modos de agir. Logo, poder, abordado nessa perspectiva, é tido como força atrelada a micro instâncias, “é um exercício integrante do cotidiano, e integra a construção de identidade dos sujeitos, por meio de suas inscrições nos discursos, nas práticas discursivas” (FERNANDES, 2012, p. 58), relações de forças que configuram um lugar, social e de subjetividade, determinado para Banks e para os sujeitos aos quais seus dizeres são endereçados.

Em se tratando da internet como sendo este lugar nomeado de “ciberespaço”, onde as pessoas podem publicar séries de opiniões e discursos em suas redes sociais, inclusive, discursos de ódio, Silva *et al.* (2011, p. 449) salienta que:

A fim de manifestar-se e atingir seus objetivos danosos, o discurso de ódio deve ser veiculado por um meio comunicacional. Esse meio é escolhido de acordo com o período histórico vivido pelo autor, com suas condições aquisitivas e de acesso às tecnologias, com o público visado por este, entre outras variáveis. Inclusive, pode-se dizer que o discurso é tanto mais nocivo quanto maior o poder difusor de seu meio de veiculação. Se há alguns séculos a propagação de ideias se restringia ao círculo exíguo daqueles que sabiam ler e tinham acesso a livros, hoje essa divulgação alcança um espectro bem mais amplo de pessoas, dada à democratização educacional e à evolução dos meios comunicacionais. Tal evolução, que passa pelo rádio e pela televisão, atinge seu auge com o advento da internet.

Em tempos de internet, redes sociais, mensagens instantâneas etc. a rapidez com a qual os discursos são produzidos pelas sociedades, veiculados e compartilhados na contemporaneidade, apresentam-se como possibilidades nocivas de existência de discursos de ódio em diversos espaços, sobretudo, em portais acessados por milhares de pessoas em todo o mundo, diariamente, como a exemplo dos 3 (três) *sites* onde foram publicadas matérias sobre a artista, as quais analisamos a seguir.

No portal de notícias *PureBreak*, foi publicada uma matéria sobre mais um caso envolvendo a rapper Azealia Banks e a exposição pública de suas opiniões, dessa vez, sobre o cantor britânico Zayn Malik, matéria publicada em 16 de agosto de 2016, assinada por Guilherme Assumpção:

Em meio à briga pública entre Justin Bieber e Selena Gomez, será que o mundo dos famosos tem espaço pra mais uma polêmica? Acertou quem disse que sim! E a bola da vez é Azealia Banks, que acabou recebendo várias acusações de transfobia na internet, depois de deixar um comentário numa foto de Zayn Malik. Ao ver cliques do ensaio de Zayn para a GQ circulando pelo Instagram, Azealia deixou um comentário polêmico. “Ele realmente parece que costumava ser uma menina. Ele me passa essa coisa de homem trans”, escreveu. Não demorou muito até que a galera começasse a ficar incomodada com a atitude da rapper. Afinal, o que é ter “cara de homem trans”, né? Bastante xingada pelos fãs de Zayn, Azealia se defendeu dizendo que parecer trans não é ofensa. A intérprete de “Ice Princess”, que tem um irmão transgênero, ainda disse que não vê o motivo de seu comentário ter soado negativo e opinou que a transfobia tem origem na cabeça de quem pensa desta forma. Em maio, uma outra discussão envolvendo os nomes de Azealia e Zayn já havia esquentado o Twitter. Na época, rolou xingamentos, além de diversas acusações de homofobia e xenofobia. Na época, a cantora decidiu abandonar as redes sociais. Porém, parece que as polêmicas perseguem a rapper, né? (ASSUMPCÃO, 2016, *online*, destaque nosso).

Em matéria do portal *POPline*, intitulada “Azealia Banks acusa Beyoncé: ‘ela sempre tenta roubar de mulheres talentosas’”, escrita por Caian Nunes e publicada em 03 de agosto de 2018, é dito sobre mais uma declaração pública da cantora:

Azealia Banks é polêmica, todo mundo sabe. Ela usa sempre as redes sociais para fazer declarações que dão o que falar, e Beyoncé já foi alvo algumas vezes. Isso se repetiu nesta sexta-feira (03). Ela se deu conta de uma similaridade de coreografia de sua música “Count Contessa”, de 2015. “Eu me dei conta que minha antiga dançarina Ashanti coreografava para

Beyoncé e roubou a coreografia original que Gypjaq Kai [coreógrafo] fez para ‘Count Contessa’”, afirmou. Ela continua dando opiniões enfáticas sobre a cantora: “Beyoncé precisa se superar e apenas me contratar, mesmo que o Coachella tenha sido fofo... Foi apenas mais do mesmo”. Ela continua: “Beyoncé adora promover essa coisa de empoderamento feminino, mas ela SEMPRE, ela sempre tenta roubar de mulheres talentosas e superá-las. Mas ela nunca realmente consegue. Sempre parece a Gisele [Bündchen] fazendo a sua melhor impressão de Beyoncé. Eu realmente espero que ela fique mais real com ela mesma e aceite as visões e projetos completos que as mulheres que a admiram elaboram para ela”. “Não precisamos de mais momentos de exibicionismo da Beyoncé. Ninguém precisa de momentos *fashion* como se ela fosse uma modelo. Tipo, o que vem depois? Uma colaboração com uma revista de moda? Eu não faço ideia por que ela quer ser tão básica. Isso me deixa triste”, completa (NUNES, 2018, *online*, destaques nossos).¹

No mesmo portal de notícias, circulou outra matéria sobre a artista, intitulada “Azealia Banks ataca Lana Del Rey: ‘vadia, garota gorda’”; tal notícia foi produzida e publicada no dia 30 de julho de 2020, assinada por Leonardo Torres, onde podemos ler:

Azealia Banks disparou suas palavras contra Lana Del Rey nesta quinta (30/7). Usando o Instagram Stories, a rapper postou uma foto de Lana Del Rey e fez comentários maldosos sobre seu peso. As duas não se dão bem e já trocaram farpas no Twitter em 2018. Em um story, Azealia foi assertiva: “nunca mais fale nada sobre mim. Nunca mais, as suas mentiras! Nunca mais”. Em outro, falou: “isso é karma! Karma voltando pro seu rabo racista, muito karma voltando”. A disparada não parou por aí: “Não, vadia! Você precisa parar de comer taquitos e pizzas do 7 Eleven [loja de departamentos] e todas essas coisas. Tô vendo você sair de um 7 Eleven com essa sacola e me pergunto ‘o que mais tem aí dentro, garota gorda? O que mais tem aí? Todas essas guloseimas que você tem nessa sacola?’ Cara, essa vadia só comeu na quarentena! [...] Cara, vadia, o que aconteceu com você? [...] Meu deus, garota, é como se você tivesse se perdido assim que decidiu se virar contra mim. Você está horrível! Você está horrível, mana, e precisa resolver isso logo!”. Além do corpo e do peso da Lana, Azealia Banks também criticou o cabelo da cantora. O peso, no entanto, foi o tema preferido dos insultos. “Cara, vadia, você tá muito feia, meu Deus [...] Parece um peru gordo, cara! Sabe quando você vai a uma fazenda de avicultura e tem aquele peru gordo que ninguém mata? Aquele peru bem gordão, que as pessoas tentam matar, mas não conseguem e então eles deixam o peru sobreviver? É com isso que você está parecendo”, falou (TORRES, 2020, destaque nosso).

Nessas três matérias jornalísticas, que fazem alusão às declarações públicas da rapper

¹ Disponível em: <https://portalpopline.com.br/azealia-banks-acusa-beyonce-ela-sempre-tenta-roubar-de-mulheres-talentosas/>. Acesso em: 17 mai. 2021.

Azealia Banks sobre artistas como Zayn Malik, Beyoncé e Lana Del Rey, respectivamente, podemos observar a construção discursiva de um franco falar, da prática de parresía nos discursos de Banks ao se portar sobre questões envolvendo os três referidos artistas.

No caso de Malik, a rapper postou um comentário em uma de suas fotos, em que expunha sua posição sobre a imagem do artista que, para Banks, “passa essa coisa de homem trans”. Em se tratando das declarações sobre Beyoncé, Azealia Banks teria acusado sua ex-coreógrafa de roubar a coreografia de sua música “Count Countessa”, além de ter caracterizado as performances de Beyoncé, consideradas por Banks como sendo “mais do mesmo”, entre outros dizeres publicados pela rapper sobre a artista.

No que se refere à cantora Lana Del Rey, a matéria publicada pelo portal *POPline* faz alusão às declarações públicas de Banks sobre o corpo de Del Rey, produzidas quando Azealia Banks compartilhou em suas redes sociais fotografias de Lana Del Rey seguidas de comentários sobre o seu corpo, onde podemos ler comentários como “você está horrível”, “parece um peru gordo”, o que demonstra que o seu discurso foi endereçado, diretamente, à Lana Del Rey. Logo, podemos observar em seu dizer marcas expressas de discurso de ódio, com características explícitas de transfobia, gordofobia e racismo.

Apontamos para o caráter discriminatório desse falar franco, esse dizer que está na contramão da ordem discursiva que prega o respeito à diversidade de gêneros, de biotipos; sendo estas falas carregadas de discurso de ódio. Segundo Silva *et al.* (2011, p. 447):

O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor [...] A existência do discurso de ódio, assim toda expressão discursiva, exige a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto). Discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano algum a quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor. Para esse caso, é inconcebível a intervenção jurídica, pois a todos é livre o pensar.

Uma vez que Banks produz enunciados que se configuram como sendo discursos de ódio e os veicula nas redes sociais, ela atinge não apenas as pessoas às quais se dirigem esses enunciados, mas outras pessoas que se identificam com as vítimas dos discursos de ódio. Torna-se uma onda de ódio na internet, pois esses discursos são compartilhados de forma

instantânea, espalham-se, incitam a produção de outros discursos. E, sobre este aspecto, Silva *et. al.* (2011, p. 449) nos permite pensar que:

Quando uma pessoa dirige um discurso de ódio a outra, a dignidade é vulnerada em sua dimensão intersubjetiva, no respeito que cada ser humano deve ao outro. Mas não só isso. No caso do discurso odioso, vai-se além: é atacada a dignidade de todo um grupo social, não apenas a de um indivíduo. Mesmo que este indivíduo tenha sido diretamente atingido, aqueles que compartilham a característica ensejadora da discriminação, ao entrarem em contato com o discurso odioso, compartilham a situação de violação. Produz-se o que se chama de vitimização difusa. Não se afigura possível distinguir quem, nominal e numericamente, são as vítimas. Aquilo que se sabe é que há pessoas atingidas e que tal se dá por conta de seu pertencimento a um determinado grupo social.

Sobre a relação que se estabelece entre aquele que pratica a *parresía* e aquele a quem a verdade é endereçada, Foucault (2011, p. 14) salienta que:

A *parresía* estabelece, portanto, entre aquele que fala e o que ele diz um vínculo forte, necessário, constitutivo, mas abre sob a forma do risco o vínculo entre aquele que fala e aquele a quem ele se endereça. Porque, afinal de contas, aquele a quem ele se endereça sempre pode não acolher o que lhe é dito. Ele pode [sentir]-se ofendido, pode rejeitar o que lhe dizem e pode, finalmente, punir ou se vingar daquele que lhe disse a verdade.

No caso das declarações sobre Zayn Malik, Beyoncé e Lana Del Rey, esse vínculo constitutivo, do qual nos fala Foucault (2011), foi posto em risco, pelo fato de que todas as pessoas referidas por Banks fazem parte, como ela mesma, da indústria da música pop internacional, e, como nos lembra o mesmo autor, aquele a quem o discurso *parresiasta* se endereça pode se sentir ofendido e pode rejeitar aquilo que lhe dizem, podendo, inclusive, se vingar de alguma forma. Sobre este aspecto, apresentamos outra matéria em que a cantora Lana Del Rey responde às declarações públicas de Azealia Banks, notadamente, após Del Rey ter criticado o cantor Kanye West por ter apoiado Donald Trump.

Em matéria publicada no portal PapelPop, intitulada “Lana Del Rey responde Azealia Banks: ‘você poderia ter sido uma das maiores rappers’”, publicada em 10 de outubro de 2018, assinada por Ana Reis, é dito que:

No começo do mês, Lana deu um pequeno sermão no Kanye West após o cantor apoiar e defender o governo Trump em seu Instagram, e Azealia Banks ficou pistola com a cantora de Venice Bitch por ter criticado o

rapper, alegando que “parece a típica mulher branca pegando um alvo fraco pra fingir ser uma aliada”. Com isso dito, Lana respondeu ontem (09) à noite os tweets da Azealia e só colocou mais lenha na fogueira. Vem ver: “Fala na minha cara. Mas se eu fosse você – eu não iria”. “Eu não vou mandar você se foder. Ponto.” “Banks, você poderia ter sido uma das maiores e melhores rappers femininas vivas, mas você estragou tudo. Não desconte na única pessoa que te defendeu”. E, claro, Azealia viu isso e foi logo responder debochando de Lana: “Vamos falar sobre exercício para os braços, hoje. Isso é um exemplo de mulheres brancas envelhecendo que fizeram plásticas na cara e nada em seu corpo (onde precisava mais)”. “Primeiro, nós precisamos falar com seu cirurgião que fez seu nariz arrebicado de Michael Jackson e pedir para que melhore esses franguinhos. Depois precisamos ir ao Instagram e investir em um treinador de cintura.” Primeiro passo. Coloque seus braços de lado e respire profundamente.” Depois, a baixaria só despencou ainda mais, que nem vale a pena colocar aqui, né? Mas calma, Lana respondeu de novo a rapper com o seguinte: “Eu vou te mandar o número do meu cirurgião e de um bom psiquiatra que eu conheço em Los Angeles – seus remédios psicoterápicos não estão funcionando.” GENTE!!! Azealia ainda ameaçou de levar isso na Justiça com um processinho, e Lana, por fim, disse: “Diga a ele que é uma promessa, não uma ameaça” (REIS, 2018, *online*, aspas nossas).

Como podemos observar nesta matéria, a cantora Lana Del Rey rejeitou publicamente as opiniões de Azealia Banks, se sentiu ofendida, e rebateu as declarações dizendo, em suas redes sociais: “Banks, você poderia ter sido uma das maiores e melhores rappers femininas vivas, mas você estragou tudo”. E complementou: “Eu vou te mandar o número do meu cirurgião e de um bom psiquiatra que eu conheço em Los Angeles – seus remédios psicoterápicos não estão funcionando”.

O que podemos observar nessas matérias referentes às declarações públicas de Azealia Banks é a produção discursiva da rapper estadunidense marcada expressamente pela prática da *parresía*, pois, como nos explica Foucault (2011, p. 13), “a *parresía* é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa”, de forma direta, endereçada, franca.

Mesmo aproximando-se da figura do *parresiasta* da qual nos fala o filósofo francês, os discursos de ódio de Banks produzem efeitos de sentido marcados por racismo explícito, gordofobia, transfobia, xenofobia, entre outras questões que deveriam ser combatidas, sobretudo, por uma cantora de rap, negra, nascida nos Estados Unidos. Seus discursos apontam para um lugar de sujeito que ocupa uma posição de superioridade, com um discurso supremacista, que se propõe a julgar o outro em termos de opiniões, posicionamentos, estilo, gênero, corpo, entre outras questões. Trata-se de discursos de ódio que são proferidos,

endereçados ao outro, e que são respondidos de forma combativa – mas, às vezes, geram respostas que se configuram, também, como outros discursos de ódio, alimentando a produção discursiva de ódio na internet.

Conclusão

Em tempos de produção discursiva na internet, especialmente, em redes sociais, são vários os artistas e celebridades do mundo que criam e usam seus perfis públicos para fazer declarações sobre questões do mundo, envolvendo acontecimentos históricos, discussões políticas, sociais, econômicas, éticas, estéticas etc.

Neste artigo, discutimos o caso da produção discursiva da rapper estadunidense Azealia Banks que, embora ocupe reconhecidamente um lugar de destaque na indústria fonográfica, é mais referenciada na mídia por seus envolvimento em “polêmicas”, “brigas” e “tretas” do que, propriamente, por seu trabalho musical. Em suas declarações públicas em redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook, a artista estadunidense já fez inúmeras declarações públicas sobre diversas questões do mundo, endereçando as suas opiniões para outros sujeitos conhecidos internacionalmente, de quem são exemplos os artistas referenciados neste artigo, como Beyoncé, Zayn Malik, Lana Del Rey, Anitta, além de personalidades mundialmente conhecidas, como a apresentadora Wendy Williams e a cantora Rihanna.

Conforme nos explica Foucault (2011, p. 12), para que se possa falar na existência da parresía é necessário que, no ato de se dizer a verdade, exista “primeiro, manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse; [segundo], questionamento do vínculo entre os dois interlocutores (o que diz a verdade e aquele a quem essa verdade é endereçada)”. Como discutimos ao longo deste artigo, os enunciados produzidos por Azealia Banks sobre outros artistas apresentam marcas de parresía, marcas de um franco falar. Expressam, claramente, a sua posição sobre o outro, em que a artista se vale de um vínculo estabelecido com outros artistas que fazem parte da indústria musical, assim como ela, para endereçar as suas perspectivas e avaliação sobre aspectos de suas vidas, que são veiculados na internet e ganham repercussão instantânea em outras mídias, como nos jornais, nas rádios e nas emissoras de televisão.

Os discursos analisados neste artigo, referidos comumente na mídia como sendo declarações polêmicas da artista – quando, de modo específico, tratam-se de discursos de

ódio – a aproximam da figura do parresiasta, pois, de acordo com Foucault, “o parresiasta [...] será o dizedor corajoso de uma verdade em que ele arrisca a si mesmo e sua relação com o outro” (FOUCAULT, 2011, p. 14). Figura de reconhecido talento e sucesso, a rapper Azealia Banks, ao praticar o seu franco-falar, endereçando as suas opiniões aos outros de forma direta, como se manda um rap, oportuniza a objetivação da postura de um parresiasta e, com isso, põe em risco a sua própria imagem enquanto artista.

Os discursos de Banks tensionam o seu elo com a indústria musical, bem como sua relação com outros artistas com quem divide espaço no interior da cena musical pop, uma vez que a artista enuncia não apenas as suas convicções subjetivas, mas, diga-se de modo enfático, opiniões carregadas de racismo, transfobia, xenofobia, gordofobia, entre outras questões que devem, a partir dos efeitos de segregação e preconceito que evidenciam, ser encaradas de forma crítica e combatidas no tempo presente.

Referências

ASSUMPCÃO, Guilherme. Malik é atacado por Azealia Banks e cantora é acusada de transfobia. *PureBreak*, 2016. Disponível em: <https://www.purebreak.com.br/noticias/zayn-malik-e-atacado-por-azealia-banks-e-cantora-e-acusada-de-transfobia-entenda/39465#:~:text=Zayn%20Malik%20C3%A9%20atacado%20por,Entenda!>. Acesso em: 17 maio 2021.

AZEALIA Banks tem conta no Twitter suspensa após briga com brasileiros. *Portal G1*, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/noticia/azealia-banks-tem-conta-no-twitter-suspensa-apos-briga-com-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 17 maio 2021.

FERNANDES, Cleudemar. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Tradução de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade - O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. 1 ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FRANÇOZA, Douglas. Azealia Banks volta a criticar Anitta e fãs brasileiros por ofuscarem artistas negras. *Portal POPline*, 2020. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/azealia->

banks-volta-a-criticar-anitta-e-fas-brasileiros-por-ofuscarem-artistas-negras/. Acesso em: 17 mai. 2021.

LADY Gaga diz que Trump incita terrorismo e pede impeachment. *Estadão*, 2021. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,lady-gaga-diz-que-trump-incita-terrorismo-e-pede-impeachment,70003575056>. Acesso em: 17 maio 2021.

LADY Gaga nem é tão boa, diz Donald Trump após cantora apresentar discurso pró-Biden. *VOGUE*, 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/lady-gaga-nem-e-tao-boa-diz-donald-trump-apos-cantora-apresentar-discurso-pro-biden.html>. Acesso em: 17 maio 2021.

NUNES, Caian. Azealia Banks acusa Beyoncé: “ela sempre tenta roubar de mulheres talentosas”. *Portal POPline*, 2018. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/azealia-banks-acusa-beyonce-ela-sempre-tenta-roubar-de-mulheres-talentosas/>. Acesso em: 17 maio 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas – SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes, 1988.

REIS, Ana. Lana Del Rey responde Azealia Banks. *PapelPop*, 2018. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2018/10/lana-del-rey-responde-azealia-banks-voce-poderia-ter-sido-uma-das-maiores-rappers/>. Acesso em 17 maio 2021.

SILVA, R. L.; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT, C. K. *Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira*. Revista Direito GV, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, 2011.

TORRES, Leonardo. Azealia Banks ataca Lana Del Rey. *Portal POPline*, 2020. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/azealia-banks-ataca-lana-del-rey-vadia-garota-gorda-2/>. Acesso em: 17 maio 2021.

¹ Graduado em Letras e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Estudante de Moda no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3365036460718914>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8864-5126>
E-mail: marcelinogomes_@outlook.com